

curidade, por sua educação tergiversada e alimentada em pequeno âmbito, era o algôz de si próprio!

Era tempo que a especulação, o commercio de vidas, de carne e sangue humano terminasse, e que os livres arrancassem dos carcereiros os opprimidos, e das trevas os ignorantes para que o sol da liberdade illuminasse a estes e aquecesse os membros d'aquelles, que a humidade das masmorras subterraneas tinha congelado; e que a civilização adoçasse os costumes que a oppressão tornára austeros, abrandando o rigor de suas leis; dessas que explôtao a esse povo o dizimo de seu trabalho e arrancão com a mesma facilidade a propriedade ao proprietario, como aos carinhos da mãe extremosa o menino adolecente para engrossar as fileiras dos servos, que defendem essa fóra sanguinaria, que apacenta sua ambição com a vida de seus subditos; d'um dictador despota, mais féroque esse Nero, que se regosijára contemplando arder sua capital e com o horrisono concerto dos gemidos de seus vassallos; esse que a historia nos aponta horrorizada como o mais impio dos tyrannos.

Esse dia, que será assignalado por centenares de hecatombes de livres, deve a esta hora talvez, ter chegado ou estar prestes a chegar.

E' o canhão quem proclama a liberdade, são as ruínas os vestígios que deixa após si a civilização.

Cára tem custado esta lição, seja ella pois aproveitada. Milhares de cadaveres disseminados desde as margens do Yatahy e Uruguay, ou antes d'esde as do Chuy, Jaguarão e Rio da Prata até os fossos de Curupaity, Tuyuty e Humaità, são os marcos que attestarão a quêda do tyranno do Paraguay.

Porém esta lição que demos e que nos custa mais cara que a elles, é por nós que deve ser lembrada: nós a quem o lucto cobre, a quem as saudades pungem, a quem se exaurirão os recursos, quem nunca deve esquecer, que esses milhares de braços que sustentarão espingardas e espadas, serão mais aproveitados se armados com o timão do arado, o cabo da fouce, do

machado, com os instrumentos mechanicos, ou que todos juntos impellirão pelo caminho da industria, sciencias e artes o paiz para o progresso, abundancia e felicidade.

Busquemos antes civilisar-mo-nos com o fructo de nosso trabalho, estudos e manutenção da paz, do que por essa que o canhão derrama. Lembremo-nos que um dos maiores guerreiros e conquistadores — Napoleão 1.^o evitava a guerra em seu paiz, buscando com maior sacrificio e perigos os inimigos em seus territorios; e que o mesmo, em suas memorias, disse: « *A victoria de uma batalha é sempre uma derrota para a nação em que houvera lugar.* »

J. B. dos Santos.

LITTERATURA.

VISÃO.

I.

Geme a brisa e sólta sentidas notas a rôla nas selvas.

O céu traja seu manto azul, orlado de branco, e a lua deslisa-se donosa; ás vezes, occultando seu brilho em meio ás diaphanas nuvens, para depois resplender inda mais faceira.

Tudo é paz na terra! Todos dormem!

Mas não: Um vulto de branco além se mostra, Vejamol-o.

II.

E' no cemiterio, — morada dos mortos.

Do mausoléu marmoreo e magestico levanta-se um vulto trajando as alvas vestes do noivado.

O véo sedozo pende ao chão, e a grinalda de flôres de laranja semelha um fulgoroso diadema de rainha!

Natercia invejára aquelle pé mimoso de sylphide, como o das antigas nymphas que estradavão só caminhos alastrados de mimosas flôres.

Devoraria Berenice grande ciume se vira aquelle cabelo tão graciosamente ponteadol

«E' bella é magestosa!

III.

Eil-a que entre-abre os olhos!
Brilhão com fulgor ignoto; olhos
como estes fazem morrer de amor o
coração mais descrente.

Occulta-te Leonor, fuge Laura, que
surge quem vos exceda!

Que moça e que olhos!

Eu curvo os joelhos, e admiro-a!

IV.

Deu dous passos e parou.

Volve os olhos por todos os angulos
d'este tristonho sitio: eil-a que ajoe-
lha-se e beija uma lapida que ali jaz
só; e talvez só por ella lembrada.

Ella falla e suas palavras são doces
e harmoniosas como os sons da harpa
tangida outr'ora por David.

Adiantemo-nos á escutar.

V.

Ella começa:

«Acorda, anjo, e escuta a vóz de
tua amada.

«Faz hoje um anno, bem me recor-
do! Nossos pais lembrarão-se d'este
dia, e nossas almas serão hoje sufraga-
das. Ainda bem.

«Chega o arrependimento e quiçá
o remorço para elles.

«Faz hoje um anno: consente que
eu te venha visitar.

«Eras joven e eras bello. Apaixo-
nei-me ás véras pelo acarminado de
teus labios, pela doçura de tua voz,
pela belleza de teu semblante, pela
brandura de teu coração.

«Tu tambem me amavas, e davas-
me constantes provas de teu puro a-
mor.

Eramos felizes.

«A's vezes turbava-nos o sorrir, a
idéa de que meu pai tudo ignorava:
mas logo a alegria tornava, reinava
indisivel contentamento.

«Um dia. . . Dia para sempre ne-
fasto, dia de amargores, dia de lucto!

VI.

E a visão parou, para dar curso ás
lagrimas que annueavão-lhe os olhos.
Enchugou-as depois com a ponta do
véo, e proseguiu:

«Nossos virgens corações transbor-

davão de prazer: juravamo-nos amor
eterno e ardente e tomavamos como
testemunhas as estrellas que scintilla-
vão em meio do azulado céu.

«Nos extremos do amor, ao estalar
do primeiro beijo. . . um punhal
traspassou-me o peito, uma balla ar-
rebatou-te o craneo! . . .

E era meu pai o author de tal atten-
tado. Antes houvera só eu sido a vic-
tima e que tu gozasseis na terra —
delicias e prazer.

«Tombastes logo, e eu sobrevivi in-
da para ouvir de meu pai — encoleri-
sado e sedento de sangue, como as fê-
ras da floresta — baldões pungitivos
que eu não merecera!

«Ouvi-os e perdoei.

«Na hora do passamento pedi-lhe
a benção, negou-m'a, voltando as cos-
tas.

«Abracei-me á Santa Virgem.
e expirei!

«Faz hoje um anno. . . Vem di-
zer-me adeus!»

VII.

E a voz calou-se e a visão sentou-se
sobre a lapida.

E eis que surge um vulto d'aquella
campa. A visão não se perturba.

E' elle. Envolve-lhe o corpo um
manto de velludo azul, tão grande co-
mo o uzára em tempos já idos o sabio
Salomão.

«Emma!

«Olympio!

E os dous vultos abraçarão-se na
efusão do jubilo, e o estalo de um
beijo repercutio.

VIII.

Elle falla: ouçamol-o.

«O coração acordava-se aos pri-
meiros toques do sentimento, e ao ver-
te, n'elle erigi-te um sacrario de ado-
ração.

«Devotei-te culto ardente e dei-te
as mostras todas do meu amor!

«Teu pai foi cruel de mais! Cei-
sou de chofre, — barbaro que foi, —
as esperanças que eu acalentára tão
bellas, e derribou no hastil a flôr mi-
mosa que descerrava á brisa a corolla.

«Tu e eu somos victimas! Antes
assim. Ao menos não sobrevivestes,

para, em braços d'outrem, jurares o mesmo amor que á mim ! »

E novo beijo estalou.

IX.

Voltei as costas para o Oriente e nas fraldas dos montes desenhava-se já o avermelhado do sol que se aproximava.

A natureza accordava !

Demorei-me á contemplar tão soberba paisagem. Quando procurei os dous amantes, os vi descer abraçados ao fundo da campã !

X.

Sahi do cemiterio profundamente impressionado !

Já então raiava o sol em toda a sua magestade e os passaros entoavão sonoros os seus hymnos matutinos.

Quando tive consciencia de que já não demorava n'aquella pavorosa mansão, foi quando transpuz o limiar da porta de minha casa.

Protesto que nunca mais irei passear ao cemiterio, em horas mortas.

Porto Alegre, 7 de Junho de 1867.

Aurelio Virissimo de Bittencourt.

ROMANCE.

O CASTELLO DAS VIRGENS.

ROMANCE MARITIMO

DE

C. H. de la Londe.

Traduzido para a Actualidade por José Bernardino dos Santos.

(Continuação) .

— Oh! não, tu não a tens! se a tivesses, me terias revelado os segredos de teu coração, me terias dito quem sois.

— Já mestre Hompson vel-o disse, milord, eu sou orphã; uma infausta cathastrophe roubou-me n'um mesmo dia pae e mãe.....e eu fiquei só.

— Infortunada ! Nós temos um

destino commum; eu sou orphão também !

Fallai, fallai, eu vos escuto, com o coração para sentir, e com os olhos para chorar.

Meu pae, disse Anna com a voz entrecortada e tremula, era capitão de marinha em Edimburgo.

Ha um anno, elle voltava do Cabo trazendo a bordo toda sua fortuna; era essa sua ultima viagem.

Minha mãe e eu tínhamos vindo ao Castello das Virgens para descobrirmos ao longe seu navio. Já o tínhamos avistado, fazia-mos-lhe signaes, mostrava-mos lhe o porto e contentes esperava-mos vel-o entrar na enseada; falsa esperança! o vento oppoz-se-lhe obrigando-o a fazer-se aolargo; a noite sobreveio e com uma medonha tempestade; apesar disso ficamos no Castello, ainda na esperança de que ao romper da aurora avistaríamos o navio de meu pae... Mas, oh! fatalidade! apenas tornamos a vêr os fragmentos-naufragos que as rochas ainda fracturavão: o mizero pela escuridão foi jogado sobre os rochedos e submergido no baratro revolto... so tinha perdido! Minha mãe pallida e abatida contemplava com o sorriso do desespero os matros que o fluxo e refluxo das aguas trazia a costa e levavão de novo, quando um cadaver veio por sua vez dar a costa.... ao vel-o demos um grito de dor e cahimos de joelhos, abraçadas e com o rosto occulto no seio uma da outra, n'esse cadaver milord, reconhecemos meu pae e seu espeso!... Eu, pobre criança esqueci o excesso de minha dor buscando consollar minha mãe; lhe disse; minha mãe! minha boa mãe! torna a vós.

Ergui sua fronte gelida e macilenta... levei a mão sobre seu seio e... estava também gelado... seu coração já não pulsava!.. minha mãe, meu Deus! milord, estava morta... morreu em meus braços!!!

E tu desgraçada criança! que fizeste? perguntou-lhe Arthur.

— Ai! respondeo a donzella desfeita em lagrimas, chamei, supliquei piedade, soccorro! porém em vão, ninguém respondeo-me e cabi sem